

**A ESCUTA AFETIVA COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA****AFFECTIVE LISTENING AS A TRANSFORMATIVE PRACTICE OF EDUCATIONAL GUIDANCE IN THE LEARNING OF BASIC EDUCATION STUDENTS** <https://doi.org/10.63330/armv1n8-016>

Submetido em: 28/10/2025 e Publicado em: 03/11/2025

**Maria Laura Brito Ortis**

Mestre em Educação

Universidade Caxias do Sul

E-mail: [mlbortis@ucs.br](mailto:mlbortis@ucs.br)LATTES: <https://lattes.cnpq.br/2914033903975005>**RESUMO**

Este artigo analisa a importância da escuta afetiva como prática transformadora no campo da Orientação Educacional, destacando suas contribuições para o desenvolvimento integral e para a aprendizagem significativa dos estudantes da educação básica. A escuta afetiva é compreendida como um processo relacional, em que o orientador educacional, por meio da empatia, acolhimento e sensibilidade, favorece a construção de vínculos e o fortalecimento da autoestima dos alunos. O estudo parte de uma abordagem qualitativa e teórica, apoiada em autores como Freire (1996), Wallon (1975), Vygotsky (1991) e Boff (2003), que discutem a afetividade e o diálogo como pilares da prática educativa humanizadora. Conclui-se que a escuta afetiva, quando incorporada à orientação educacional, constitui-se em um instrumento essencial para a mediação de conflitos, promoção da autorregulação da aprendizagem e construção de uma cultura escolar mais empática e inclusiva.

**Palavras-chave:** Escuta afetiva; Orientação Educacional; Aprendizagem; Afetividade; Educação básica.**ABSTRACT**

This article analyzes the importance of affective listening as a transformative practice in the field of Educational Guidance, highlighting its contributions to the comprehensive development and meaningful learning of basic education students. Affective listening is understood as a relational process in which the educational counselor, through empathy, acceptance, and sensitivity, fosters the building of bonds and the strengthening of students' self-esteem. The study adopts a qualitative and theoretical approach, supported by authors such as Freire (1996), Wallon (1975), Vygotsky (1991), and Boff (2003), who discuss affectivity and dialogue as pillars of humanizing educational practice. It is concluded that affective listening, when incorporated into educational guidance, constitutes an essential tool for mediating conflicts, promoting self-regulated learning, and building a more empathetic and inclusive school culture.

**Keywords:** Affective listening; Educational Guidance; Learning; Affectivity; Basic education.



## 1 INTRODUÇÃO

Na educação básica, o papel da Orientação Educacional tem se ampliado, deixando de ser apenas um espaço de atendimento pontual para tornar-se um campo de mediação entre os sujeitos, suas emoções e seus processos de aprendizagem. Nesse contexto, a escuta afetiva emerge como uma prática essencial, pois permite compreender o estudante em sua totalidade cognitiva, emocional e social.

Podemos afirmar que nos tempos atuais a escola contemporânea enfrenta desafios relacionados à falta de diálogo, ao individualismo e à desvalorização dos vínculos afetivos. Salientamos que escola, enquanto espaço de formação humana e social, poderia ser um ambiente permeado por relações interpessoais complexas, onde o diálogo e a escuta assumem papel central. Nesse contexto da educação básica, a Orientação Educacional tem se configurado como uma área essencial para o acompanhamento do desenvolvimento integral dos estudantes tendo o papel importantíssimo para desenvolver competências e acolher as vozes dos alunos, intermediando suas demandas e auxiliando na construção de trajetórias de aprendizagem mais conscientes e autônomas.

Para Paulo Freire (1996, p. 119), “escutar é algo mais que ouvir; é estar disponível ao outro com humildade e abertura, sem a pretensão de impor verdades”. Nesse sentido, a escuta afetiva transcende o simples ato de ouvir palavras: ela requer presença, atenção e disposição para compreender o que está por trás do que é dito e, sobretudo, do que é silenciado.

A presença de um orientador educacional comprometido com a escuta sensível e com a mediação de conflitos e aprendizagens revela-se um elemento indispensável à consolidação de uma escola democrática, dialógica e inclusiva. Segundo Freire (1996), educar é um ato de amor e coragem que implica reconhecer o outro como sujeito de saber e de experiência. Essa concepção freireana aponta para uma prática educativa centrada no diálogo e na escuta ativa elementos fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem significativa e autorregulada.

A Orientação Educacional, portanto, não se restringe ao acompanhamento de dificuldades escolares, mas constitui-se como um espaço pedagógico de construção de sentidos e de reencantamento da aprendizagem. Rogers (1983), ao defender a escuta empática, já afirmava que o ambiente educativo precisa favorecer o acolhimento, a confiança e a autenticidade nas relações interpessoais, de modo que o aluno se perceba ouvido, compreendido e respeitado em sua individualidade.

Assim, o presente artigo tem como objetivo discutir o papel da Orientação Educacional como espaço de escuta e mediação na aprendizagem, destacando suas contribuições para a formação integral e o fortalecimento das relações pedagógicas na escola contemporânea. A reflexão parte da concepção de que a aprendizagem é um processo dinâmico, relacional e contínuo, que depende de condições de acolhimento, empatia e diálogo para se efetivar.



A metodologia utilizada é de natureza qualitativa e reflexiva, com base em revisão teórica de autores clássicos e contemporâneos da Psicologia, Pedagogia e Orientação Educacional, como Freire (1996), Rogers (1983), Vygotsky (1998), Charlot (2000), Lück (2013), Libâneo (2004), Goleman (2012) e Damásio (2011). Esses referenciais permitem compreender como a escuta e a mediação contribuem para a construção de práticas educativas mais humanizadas e autorreguladas, capazes de integrar emoção, razão e convivência ética.

Assim, este artigo busca refletir sobre como a escuta afetiva pode transformar a prática da Orientação Educacional, contribuindo para o fortalecimento da aprendizagem e da convivência escolar.

## **2 A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL COMO ESPAÇO DE ESCUTA E MEDIAÇÃO NA APRENDIZAGEM**

Segundo as atribuições do orientador educacional, é mediador de processos formativos, ocupando um papel estratégico e importante dentro da escola. Sua atuação envolve o acompanhamento do desenvolvimento emocional e social dos estudantes, a mediação de conflitos e o apoio às famílias e professores.

A escuta, no contexto educacional, ultrapassa o simples ato de ouvir. Ela representa um gesto ético e pedagógico de reconhecimento do outro como sujeito de saber, de emoções e de experiências. No campo da Orientação Educacional, a escuta se configura como um dos principais instrumentos de trabalho, pois é por meio dela que o orientador comprehende as necessidades, os sentimentos e as motivações dos estudantes. Escutar é, portanto, acolher o sujeito em sua totalidade, reconhecendo que o aprender é também um processo de encontro entre histórias, sentidos e afetos.

Pode se afirmar que Luckesi (2011) destaca que a orientação deve ser compreendida como um processo contínuo de ajuda, voltado para a autonomia e a autorreflexão. Nesse contexto, a escuta afetiva torna-se o ponto de partida para compreender as reais necessidades dos alunos e planejar intervenções que os ajudem a se autorregular e aprender melhor.

Segundo Zabalza (2004) acrescenta que a orientação deve estar comprometida com a formação integral do estudante, o que inclui o desenvolvimento de competências emocionais e sociais. Nesse contexto, a escuta afetiva se torna um instrumento de promoção da saúde emocional e de prevenção de conflitos.

Além disso, a escuta afetiva amplia a visão do orientador sobre os contextos familiares, culturais e socioeconômicos que influenciam o comportamento e o desempenho escolar, permitindo uma atuação mais inclusiva e transformadora.

Podemos afirmar que escuta afetiva é uma prática pedagógica que implica reconhecer o outro em sua singularidade, valorizando suas emoções, vivências e percepções. Rogers (1973), ao tratar da



abordagem centrada na pessoa, enfatiza a importância da escuta empática, destacando que “ouvir verdadeiramente o outro é um ato de amor e de compreensão profunda”. E no ambiente escolar, o estudante muitas vezes carrega angústias, medos e expectativas que interferem diretamente no processo de aprendizagem. Ao praticar a escuta afetiva, o orientador educacional cria um ambiente de confiança que possibilita a expressão desses sentimentos e promove o autoconhecimento.

A escuta afetiva é mais do que ouvir o outro; é um ato de presença e de reconhecimento do sujeito em sua singularidade. Segundo Paulo Freire (1996), “escutar é uma atitude de abertura e de respeito, sem a qual não há diálogo verdadeiro”.

Para Boff (2003, p. 33), “cuidar é mais do que um ato; é uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro”. A escuta afetiva, nesse sentido, é uma forma de cuidado educativo que humaniza a relação entre orientador e estudante. Escutar o estudante é reconhecer sua história, seus sentimentos e suas potencialidades. Segundo Carl Rogers (1983), a escuta empática é a base das relações humanas autênticas. Para o autor, o ato de escutar genuinamente implica “colocar-se no lugar do outro”, buscando compreender seus sentimentos e percepções sem julgamentos ou interpretações imediatas. Na escola, essa postura torna-se fundamental, pois permite que o aluno se sinta respeitado, ouvido e valorizadas condições essenciais para o desenvolvimento de sua autoestima e de sua aprendizagem.

Do ponto de vista da aprendizagem, a escuta contribui para o desenvolvimento da autorregulação. Charlot (2000) lembra que aprender é estabelecer uma relação pessoal e significativa com o saber. Essa relação se constrói quando o estudante percebe que sua voz é legitimada e que sua experiência de mundo tem valor no processo educativo. O orientador, ao escutar de forma sensível, ajuda o aluno a reconhecer suas potencialidades, identificar seus desafios e construir estratégias próprias para aprender.

A escuta também se articula com a dimensão emocional da aprendizagem. Henri Wallon (1975) e António Damásio (2011) destacam que emoção e cognição são processos interdependentes: é a emoção que dá sentido ao conhecimento e mobiliza o sujeito para aprender. A escuta afetiva, portanto, atua como um catalisador da motivação e do interesse do aluno, criando um ambiente emocionalmente seguro e propício à aprendizagem. No campo educacional, essa escuta se materializa na atuação do orientador, que acolhe as demandas dos alunos e as transforma em oportunidades pedagógicas. Trata-se de uma escuta que vai além do ouvir é um ato ético e político, pois envolve reconhecer a voz dos sujeitos e dar-lhes legitimidade no processo de aprendizagem.

Em diálogo com esses autores, Goleman (2012) acrescenta que a escuta empática é um dos pilares da inteligência emocional, sendo indispensável para a construção de relações saudáveis e cooperativas. No contexto escolar, o orientador educacional que pratica a escuta emocionalmente inteligente consegue identificar não apenas as palavras, mas também os sentimentos e necessidades subjacentes dos estudantes.



Essa postura favorece a mediação de conflitos, a prevenção de situações de exclusão e o fortalecimento dos vínculos afetivos entre os membros da comunidade escolar.

Além de seu valor afetivo, a escuta é também um ato político. Escutar o aluno é reconhecer seu direito à palavra e à participação. Freire (1987), em *Pedagogia do Oprimido*, ressalta que o diálogo autêntico nasce da escuta do outro e da abertura à sua leitura de mundo. A escola, quando se dispõe a ouvir seus sujeitos, assume uma posição democrática e crítica frente às desigualdades e às violências simbólicas que historicamente marcaram o espaço educativo.

O aprender para Charlot (2000), é sempre uma relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Desse modo, quando a escola silencia ou ignora as narrativas dos alunos, ela também compromete a construção do sentido da aprendizagem. O orientador educacional, ao contrário, é o profissional que favorece a escuta ativa e o diálogo pedagógico, articulando afetividade e conhecimento. Além disso, a escuta é um componente essencial da comunicação autêntica. Freire (1997) afirma que “não há diálogo sem amor, sem humildade e sem fé nos homens”, destacando que o educador que não escuta não educa, apenas transmite informações. Essa perspectiva torna-se essencial para repensar a prática da Orientação Educacional na escola contemporânea.

E o trabalho do orientador é escutar afetivamente tornando um mediador de sentidos, ajudando o aluno a dar significado às suas experiências e a transformar dificuldades em oportunidades de aprendizagem e crescimento pessoal.

A escola que valoriza o papel da Orientação Educacional cria um espaço de confiança, onde o estudante pode expressar suas fragilidades e desenvolver competências socioemocionais. A escuta afetiva e a mediação são instrumentos que favorecem a aprendizagem significativa, fortalecendo o vínculo entre o aluno e o conhecimento. Além disso, a Orientação Educacional é como ponte entre a escola e a família, ampliando o olhar sobre o estudante e suas múltiplas realidades. Assim, o orientador contribui para a formação integral, promovendo o equilíbrio entre o saber, o sentir e o conviver.

Nesse sentido, a Orientação Educacional assume um papel transformador: é o lugar onde o estudante encontra a possibilidade de ser ouvido sem julgamento, de ser compreendido em sua singularidade e de sentir-se pertencente ao processo educativo. A escuta praticada pelo orientador é, assim, uma escuta pedagógica, porque favorece o aprendizado; é afetiva, porque acolhe o ser humano em sua integralidade; e é política, porque legitima a voz dos sujeitos historicamente silenciados.

Ao adotar a escuta como eixo de sua atuação, o orientador educacional contribui para o fortalecimento de uma cultura escolar baseada na empatia, na confiança e na corresponsabilidade. A escuta, quando se torna prática cotidiana, transforma o ambiente escolar em um espaço de cuidado e aprendizagem, onde professores e alunos aprendem juntos a olhar, sentir e compreender o mundo de forma mais sensível e solidária.



Salientamos que segundo Wallon (1975) já afirmava que as emoções são constitutivas do desenvolvimento humano e influenciam diretamente a aprendizagem. Portanto, quando o orientador educacional acolhe as emoções do estudante, ele cria condições para que o processo educativo se torne mais significativo.

Nesse sentido a escuta afetiva, constitui uma prática ética e relacional, em que o educador reconhece o valor da palavra do aluno, suas histórias e seus silêncios. Essa atitude favorece a criação de um ambiente escolar mais empático e menos punitivo, onde o aprender é consequência de relações de confiança.

Afetividade é entendida como o conjunto de sentimentos, emoções e vínculos que influenciam o comportamento humano (Candau, 2012). Na escola, a afetividade se manifesta nas relações interpessoais entre professores, orientadores e estudantes, influenciando diretamente o engajamento, a motivação e o processo de aprendizagem. Essa importância da relação entre a emoção e a atividade intelectual na sala de aula, mostrando que tanto o professor quanto o aluno poderão passar por momentos emocionais durante o processo de ensino-aprendizagem.

Podemos afirmar que como o orientador educacional, os professores também exercem um papel importante no desenvolvimento afetivo dos alunos, pois estão presentes no processo de ensino-aprendizagem em todos os momentos de sua escolarização. É importante também ressaltar que a criança precisa ser reconhecida, ser elogiada, isso nutri a afetividade da criança, pois demonstra o interesse do professor pela criança, fazendo com que ela se sinta importante. A afetividade é como um recurso de motivação na aprendizagem do aluno, sendo assim, contribui no desenvolvimento das emoções que se evidenciam dentro da sala de aula.

E quando um aluno sente que pode ser compreendido e escutado ele vai criando a confiança nele, que a criança precisa sim um olhar afetivo e amoroso para aluno tornando se indispensável para a construção e o sucesso da sua aprendizagem.

Segundo Monte-Serrat, 2007, p.54

O amor implica cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento. Amor é preocupação ativa com a vida e com crescimento de quem amamos. Onde falta essa preocupação ativa não há amor. De fato, a aprendizagem das crianças começa na infância, com disciplina amorosa dos pais, e prosseguem na escola, com vínculo amoroso com os professores.

A Orientação Educacional, entendida como espaço de escuta e mediação, representa um caminho fundamental para a consolidação de práticas pedagógicas mais humanas e transformadoras. Escutar o aluno, compreender seus processos internos e mediar suas relações de aprendizagem são atos que qualificam o fazer educativo e reafirmam o compromisso ético da escola com a formação integral.



Nesse cenário, a escuta e a mediação não são tarefas complementares, mas essências do trabalho educativo, que exigem sensibilidade, empatia e compromisso com o outro. A Orientação Educacional, quando pautada nesses princípios, transforma-se em um espaço de resistência, diálogo e aprendizagem compartilhada.

### **3 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM**

A mediação é um dos pilares centrais da Orientação Educacional, pois constitui o elo entre os sujeitos e os processos de construção do conhecimento. Na perspectiva histórico-cultural de Lev Vygotsky (1998), aprender é sempre um ato social, que ocorre por meio da mediação ou seja, da intervenção de um outro mais experiente que orienta, apoia e compartilha significados. A aprendizagem, assim, não é apenas uma aquisição individual, mas um processo coletivo, permeado por interações que possibilitam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Libâneo (2004) comprehende a mediação pedagógica como uma ação intencional que dá sentido às práticas educativas e permite a construção de pontes entre o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano. O autor ressalta que o papel do educador é criar condições para que o aluno se torne protagonista do próprio aprendizado, reconhecendo que ensinar é, antes de tudo, criar possibilidades para o aprender. O orientador educacional, ao mediar as relações pedagógicas, auxilia nesse processo ao favorecer o diálogo e a reflexão sobre as dificuldades e potencialidades dos estudantes.

De forma complementar, Perrenoud (1999) argumenta que o educador-mediador deve estimular o desenvolvimento das competências autorreguladoras, permitindo que o estudante aprenda a gerir suas próprias aprendizagens. Essa concepção amplia o papel do orientador, que passa a atuar não apenas como conselheiro, mas como facilitador do processo de autonomia intelectual e emocional. Ao mediar a relação entre o aluno e o conhecimento, o orientador ajuda a criar um ambiente de confiança, no qual o erro é visto como parte natural do aprendizado e a reflexão como um exercício constante.

Ressaltamos que a mediação pedagógica também envolve uma dimensão relacional profunda. Zabala (1998) destaca que o aprendizado ocorre em um contexto de interações complexas, onde o professor e, nesse caso, o orientador atua como um organizador das situações de aprendizagem. Sua função é promover experiências que possibilitem a construção de significados, respeitando o ritmo, o contexto e a história de cada estudante. Assim, o mediador deve compreender que ensinar não é transmitir verdades prontas, mas mobilizar o desejo de aprender, construindo pontes entre os diferentes saberes que habitam a escola.

Nesse sentido, a mediação na Orientação Educacional ultrapassa o campo do cognitivo e adentra o território da convivência e da ética. Lück (2013) ressalta que o orientador é um articulador entre as dimensões pedagógicas, administrativas e humanas da escola, sendo responsável por fomentar um ambiente



cooperativo e solidário. Quando o orientador promove a mediação de forma sensível, cria-se um espaço em que o estudante se sente pertencente, respeitado e incentivado a participar ativamente do processo educativo.

Essa mediação, portanto, é um ato pedagógico e político. Ao mediar, o orientador contribui para o fortalecimento de vínculos, para o enfrentamento de desigualdades e para a construção de uma cultura escolar mais justa e dialógica. Freire (1996) lembra que “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém, mas ninguém se faz autônomo sozinho”. Nesse sentido, a mediação é o caminho pelo qual a autonomia se constrói uma autonomia compartilhada, que emerge do encontro entre sujeitos que aprendem juntos.

O orientador além de atuar como mediador entre pessoas, também mediatiza as relações entre o aluno e o currículo, entre a escola e a comunidade. Sua ação contribui para que o processo educativo seja contextualizado, significativo e coerente com as realidades socioculturais dos estudantes. Charlot (2000) observa que a aprendizagem se dá quando o aluno encontra sentido no saber; e é justamente o mediador quem ajuda a estabelecer essa ponte entre o conteúdo escolar e o universo existencial do aprendiz.

Portanto, a mediação pedagógica é a essência do trabalho da Orientação Educacional. Ela transforma o conflito em diálogo, o silêncio em palavra e o fracasso em possibilidade de crescimento. O orientador, ao mediar as relações de aprendizagem, atua como promotor da reflexão, do autoconhecimento e da empatia, consolidando a escola como espaço de humanização e de produção de sentidos.

#### **4 ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL, HUMANIZAÇÃO E APRENDIZAGEM INTEGRAL**

Acreditamos que a escola é, antes de tudo, um espaço de convivência humana. É nesse território que se entrelaçam saberes, valores, emoções e histórias, compondo uma trama complexa que ultrapassa os limites do ensino formal. Nesse contexto, a Orientação Educacional emerge como uma prática que busca reconectar a dimensão humana do aprender, atuando na mediação de relações e na escuta de subjetividades. A humanização da aprendizagem, portanto, não se restringe a um ideal abstrato, mas se concretiza nas atitudes cotidianas de acolhimento, empatia e diálogo.

Segundo Paulo Freire (1996) defende que a educação é um ato profundamente humano, cujo centro está na relação dialógica entre educador e educando. Humanizar a educação, para Freire, significa reconhecer o estudante como sujeito histórico, capaz de pensar criticamente e transformar o mundo. Nessa perspectiva, o trabalho do orientador educacional torna-se uma expressão prática da pedagogia freireana, ao promover o diálogo e a escuta ativa como instrumentos de emancipação.

De forma semelhante, Lück (2013) comprehende a Orientação Educacional como um eixo articulador da escola, responsável por integrar as dimensões pedagógicas, administrativas e emocionais. A autora enfatiza que o orientador não atua isoladamente, mas em colaboração com professores, gestores e famílias, de modo a promover a aprendizagem integral aquela que considera o aluno em sua totalidade, incluindo



aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Essa atuação compartilhada contribui para a criação de um ambiente escolar mais solidário e cooperativo, em que o aprender está intimamente ligado ao conviver.

A aprendizagem integral, nesse sentido, implica compreender o estudante como ser biopsicossocial e cultural. António Damásio (2011) e Daniel Goleman (2012) apontam que as emoções têm papel central na construção do conhecimento, pois modulam a atenção, a memória e a motivação. Uma escola que ignora as dimensões afetivas e emocionais dos alunos acaba produzindo processos de aprendizagem fragmentados, desprovidos de sentido. A Orientação Educacional, ao contrário, busca integrar emoção e cognição, reconhecendo que aprender é também sentir, desejar e significar.

A partir da escuta afetiva e a mediação empática tornam-se, assim, instrumentos fundamentais de humanização. Ao ouvir o estudante e ajudá-lo a compreender suas próprias emoções e dificuldades, o orientador educacional promove o autoconhecimento e estimula o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Goleman (2012) denomina essas competências como “inteligências emocionais”, que incluem a empatia, a autorregulação e a capacidade de lidar com frustrações. Tais habilidades são indispensáveis à formação integral do sujeito e ao fortalecimento de sua autonomia.

Portanto Libâneo (2004) reforça que a função educativa da escola vai além da transmissão de conteúdos: ela envolve a formação de valores, atitudes e comportamentos éticos. O orientador educacional, ao atuar como mediador das relações humanas, contribui para que o ambiente escolar se torne um espaço de convivência ética, pautado no respeito e na solidariedade. Assim, a Orientação Educacional cumpre um papel essencial na construção de uma escola humanizadora, que acolhe a diversidade e reconhece as diferenças como oportunidades de crescimento coletivo.

Essa perspectiva de humanização também está presente em Henri Wallon (1975), para quem o desenvolvimento da criança ocorre na interdependência entre o biológico, o emocional e o social. A afetividade, nessa visão, não é acessória, mas constitutiva da inteligência. Quando o orientador educacional promove espaços de escuta e diálogo, ele potencializa o desenvolvimento emocional e cognitivo dos estudantes, fortalecendo a autoestima e o sentimento de pertencimento.

Além disso, a Orientação Educacional contribui para a formação de uma cultura de paz e de convivência ética na escola. A mediação de conflitos, quando pautada pela empatia e pelo respeito mútuo, ensina os estudantes a resolver divergências por meio do diálogo, e não da violência. Freire (1996) recorda que a verdadeira educação é libertadora quando se fundamenta na amorosidade e na escuta sensível. Dessa forma, o orientador se torna um educador humanizador, que inspira o exercício da cidadania e o compromisso com a transformação social.

Portanto, ao unir escuta, mediação e afetividade, a Orientação Educacional consolida-se como um espaço de aprendizagem integral e humanizadora. Ela resgata o sentido da escola como lugar de encontro e cuidado, onde se aprende com o outro e sobre o outro. A prática da escuta e da mediação não apenas



favorece o rendimento escolar, mas fortalece o ser humano em sua capacidade de compreender, conviver e transformar o mundo de maneira ética e solidária.

## 5 CONCLUSÃO

Podemos salientar que a escuta afetiva, ao ser incorporada à prática da Orientação Educacional, constitui-se em uma ferramenta potente para transformar as relações pedagógicas e promover a aprendizagem significativa. Ela permite ao orientador educacional compreender as múltiplas dimensões do ser humano, valorizando a subjetividade e a diversidade presente na escola.

Investir na formação afetiva dos profissionais da educação básica é, portanto, investir em uma escola mais humana, dialógica e transformadora. A escuta, quando afetiva, se torna um ato político e pedagógico de resistência, capaz de reencantar o processo educativo.

A análise apresentada evidencia que a Orientação Educacional, enquanto espaço de escuta e mediação, desempenha papel central no processo de aprendizagem e na construção de uma escola humanizadora. A escuta ativa, afetiva e empática permite que o estudante se perceba reconhecido em sua individualidade, favorecendo a autorregulação da aprendizagem e o desenvolvimento socioemocional. A mediação, por sua vez, atua como elo entre alunos, professores e famílias, criando pontes de diálogo que potencializam a compreensão, a cooperação e a resolução pacífica de conflitos.

Os estudos de Freire (1996), Rogers (1983), Vygotsky (1998) e Charlot (2000) reforçam a ideia de que aprender é um ato relacional e que a escola, para ser efetivamente transformadora, deve reconhecer o aluno em sua totalidade cognitiva, emocional e social. Autores contemporâneos, como Lück (2013), Goleman (2012) e Damásio (2011), complementam essa perspectiva, mostrando que a dimensão afetiva e emocional é determinante para a construção do conhecimento significativo e para o desenvolvimento integral do sujeito.

Portanto, a Orientação Educacional, não se limita a uma função técnica ou burocrática dentro da escola. Ela constitui-se como espaço estratégico de humanização, onde a escuta e a mediação favorecem a autonomia do aluno, o fortalecimento dos vínculos escolares e a promoção de práticas pedagógicas inclusivas e democráticas. O orientador educacional atua como mediador do conhecimento, facilitador das relações interpessoais e promotor da convivência ética e solidária.

A importância da atuação do orientador educacional evidencia que aprender é também sentir, dialogar e pertencer. A escuta sensível e a mediação pedagógica são, instrumentos indispensáveis para a construção de uma escola que valoriza a humanidade de seus sujeitos e promove aprendizagens significativas, críticas e integradas. Dessa forma, reforça-se a necessidade de se investir na formação de profissionais de orientação educacional capacitados para articular teoria e prática, conhecimento e



afetividade, contribuindo para a consolidação de ambientes escolares mais justos, acolhedores e transformadores.



## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CANDAU, V. (2012). *Psicologia da educação: ensino, aprendizagem e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições*. São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCK, Mario. *Orientação educacional: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- LÜCK, Heloísa. *Gestão Educacional: Uma Questão Paradigmática*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2004.
- PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ROGERS, Carl. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros, 1983.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WALLON, Henri. *Psicologia e pedagogia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- \_\_\_\_\_. *A Evolução Psicológica da Criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.



ZABALZA, Miguel. O Ensino Universitário: Seu Cenário e seus Protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.